

A CÁRITAS

16 – O DESEMPREGO – fonte de pobreza

P. *Boa tarde. Regressamos com mais um programa da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco.*

Como habitualmente, Elicídio Bilé está connosco para nos falar de um problema que já aqui abordámos há alguns meses atrás – o desemprego.

Certamente que, ao voltar a focá-lo, se deverá ao facto da situação do desemprego em Portugal estar cada vez mais preocupante.

Neste sentido começo por lhe perguntar: Porque razão voltou a trazer-nos este problema?

R. Muito boa tarde.

Um dos motivos porque volto a abordar este tema, tal como acabou de referir, tem a ver com a preocupante situação do desemprego em Portugal e as implicações que produz no seio das famílias portuguesas.

Essas implicações têm a ver com a qualidade de vida dos cidadãos, com a estabilidade financeira e o poder de compra, para além das implicações de carácter psicológico: a intranquilidade, o desespero e o desânimo que constringe a maioria das famílias.

Repare:

- Ao contrário do que foi prometido no início desta legislatura, o desemprego disparou para valores preocupantes: esta é a maior taxa de desemprego dos últimos 20 anos;
- O Eurostat – o gabinete de estatística da União Europeia – revelou, na passada semana, que Portugal é um dos três países da União em que o desemprego aumentou, em Agosto, face a igual mês do ano passado, o que contraria a tendência verificada no conjunto dos Estados-membros;

- Portugal tem neste momento uma taxa de desemprego de **8,3%**, atingida em Agosto deste ano, contra **7,5%** em igual mês de 2006, o que significa uma forte subida. Nos restantes países da União Europeia, o desemprego baixou neste mesmo período. Em Agosto a taxa média do desemprego na **Zona Euro** é de **6,9%** e, na **Europa a 27**, é de **6,7%**, contra os **7,8%** do ano anterior, em ambas as **Zonas**, o que significa uma forte descida na taxa de desemprego, contrastando com a subida em Portugal;
- Alguns analistas afirmam que Portugal está a andar ao contrário, estando em 5.º lugar a contar do fim, no conjunto dos 27 países da União;
- Pela primeira vez em mais de duas décadas, Espanha tem uma taxa de desemprego mais baixa do que a portuguesa;
- Segundo o Eurostat, **quinze milhões e oitocentos mil** homens e mulheres estavam, desempregadas em Agosto de 2007, na **União Europeia a 27** membros, dos quais **quatrocentos e sessenta e nove mil e novecentos** são portugueses, mais **quarenta mil** do que no mesmo período do ano passado.

É este o cenário e é nesta base e também no crescente aumento das pessoas que nos procuram solicitando ajuda para responder às necessidades emergentes resultantes do desemprego e da crise de emprego, que quis trazer à reflexão esta preocupação que todos sentimos, em especial a Cáritas que está junto das pessoas e das comunidades.

P. *Perante o cenário que desenhou e, face à aparente falta de respostas do Governo, que sentimento se vive nas comunidades e que posições assumem os partidos da oposição?*

P. Todos os partidos políticos acusam o governo de fracassar na política económica e de fracasso generalizado na governação, o que levou a este brutal aumento do desemprego e ao agravamento da crise.

Outros analistas referem que a subida do desemprego e a falta de respostas para o combater é também uma das razões para o aumento do pessimismo dos portugueses. E, o Indicador de Confiança dos Consumidores divulgado agora pelo INE – Instituto Nacional de Estatística – continua a agravar-se. Atingiu-se mesmo o pior registo desde Novembro de 2006.

P. *Este aumento do desemprego afecta particularmente alguns sectores da actividade económica ou trata-se de um aumento generalizado?*

R. Segundo o «Diário Económico» *"As mudanças no Estado começam a produzir efeitos. A Administração Pública liderou na destruição de emprego no segundo trimestre. Mulheres-a-dias, trabalhadores de ONG's, prestadores de serviços a empresas e os serviços financeiros são das poucas áreas em que a oferta de emprego aumentou ligeiramente, em Portugal, no segundo trimestre".*

A esta situação, responde a Agência Financeira:

"Há mais transacção e especulação, mas menos produção. Os dados relativos à criação de riqueza e de emprego mostram que Portugal é cada vez mais uma economia de pequenos serviços, pequeno comércio, de negócios financeiros e de tantos outros que giram em torno do fenómeno imobiliário, mas tem vindo a perder a base industrial".

Respondendo ainda à sua pergunta, recordo que os sectores tradicionais (têxteis e calçado, por exemplo) têm vindo a ser esvaziados devido à concorrência global e à falta de trabalhadores com maiores qualificações e também à falta de iniciativas.

P. *Para além das consequências que já referiu, que outras estão a provocar na sociedade portuguesa?*

R. De acordo com os dados disponíveis e que tão profusamente têm sido divulgados na comunicação social, **2 milhões** de pessoas na União Europeia passam fome e, em Portugal, são já cerca de **200 mil**, sendo o desemprego a causa maior desta aberração social.

Esta situação é portadora de perturbações reais e potenciais não só no mercado do trabalho, mas também na economia e nas famílias, com reflexos na nossa auto-estima.

A conjugação de diversos factores, como: um crescimento económico frouxo ou nulo, as flutuações da actividade comercial e industrial e as reconversões estruturais operadas na economia, que se prendem, entre outras, com a necessidade de contenção do deficit orçamental, provocaram uma baixa considerável do emprego em diversos ramos de actividade e alguma desconfiança nos investidores.

Por outro lado, a incapacidade da economia para criar novos empregos em número suficiente para a satisfação das necessidades de uma população activa que vai crescendo com a entrada de jovens no mercado de trabalho e com os desempregados, pouco qualificados, provenientes de empresas que estão a encerrar a actividade, deverá obrigar os poderes públicos a criar condições para a superação deste problema, de uma forma consistente, isto é, pela criação efectiva de emprego e não tanto pelo recurso quase exclusivo aos subsídios sociais que apenas servem de paliativo momentâneo, mas que não são terapia para a cura desta chaga social que, de uma forma ou de outra, a todos atormenta.

P. *E na nossa região, como se faz sentir esta crise no emprego?*

R. O desemprego marca de uma forma particular as regiões mais desvitalizadas do ponto de vista demográfico, económico, social e cultural, designadamente o desemprego de longa e muito longa duração. É o que acontece no Distrito de Portalegre, tendo em conta que as indústrias tradicionais estão a encerrar, como aconteceu com a “FINO’S”, ou a definhar, como está a acontecer com a “ROBINSON”, para além de outras mais recentes, como no caso da “Johnson Control’s”.

Por outro lado o sector primário, especialmente a agricultura, tem perdido inúmeros postos de trabalho, tendo em conta, entre outros, o envelhecimento da população a alteração do sistema fundiário e da propriedade da terra, para além das diversas reformas da PAC – Política Agrícola Comum.

É este o pano de fundo para a grave situação que vivemos em Portalegre e no país. Só não tem maiores repercussões porque nos andam a distrair diariamente com outro tipo de questões que, sendo relevantes do ponto de vista social, não deveriam monopolizar a atenção dos portugueses.

Em Portalegre estão a morrer as indústrias tradicionais que constituíram ao longo de gerações o sustentáculo de inúmeras famílias e foram a matriz do desenvolvimento económico local.

Geradoras de riqueza, e aglutinadoras de um salutar convívio social na comunidade portalegrense, essas indústrias morrem sem glória, parecendo cair no esquecimento, como se fossem, unicamente, memória do passado.

Alguns portalegrenses ainda se vão questionando porque razão já não se ouve falar do recente encerramento da FINO’S, ou da Johnson Control’s. Até parece que já aconteceu há várias décadas e que todos os trabalhadores (cerca de 300 nas duas empresas) foram absorvidos pelo mercado de trabalho, estando de novo a trabalhar e a angariar, por essa via, o sustento para as respectivas famílias. Que engano!

Na realidade, porque estão a receber o subsídio de desemprego (a maioria já o terminou) e a aguardar que o fundo de garantia salarial chegue para trazer mais alguns “euros”, parece que tudo está adormecido.

- Mas o que acontecerá quando terminar o prazo para a percepção do referido subsídio?

- Está o poder político satisfeito porque tudo fez, lavando as mãos como Pilatos?

- Que alternativas existem para os trabalhadores, em termos de ocupação, mas também para a reposição do potencial económico e social que estas empresas representavam para Portalegre e para a região?

O problema do desemprego, não é só um problema pessoal e familiar. É um problema simultaneamente económico, social e educacional que afecta as regiões e o país, assim como a relação entre os cidadãos.

É, por isso, urgente reconhecer-se a necessidade de uma intervenção política e administrativa no sentido de incentivar a formação e o desenvolvimento de empresas através da adopção de políticas que visem a promoção do emprego, o fomento do próprio emprego e a aposta na formação profissional. E essas políticas não podem passar, em exclusivo, pela atribuição subsídios.

P. *Mas, nesse campo, não existem já respostas concretas por parte do Estado?*

R. É verdade e, ouvimos dizer com frequência, que todas essas respostas, que eu refiro, já existem. Mas também se ouvem muitas interrogações como estas:

- Então não existem tantos diplomas que, no âmbito do I.E.F.P. fomentam o emprego e a formação profissional?

- E tantos apoios financeiros para criação de emprego, para a contratação de jovens à procura do 1.º emprego, de desempregados de longa e muito longa duração?
- E inúmeros programas ocupacionais, para desempregados com subsídio de desemprego e sem subsídio de desemprego?
- E não existe formação profissional por todo o lado, nos inúmeros centros de formação profissional, nas escolas profissionais, em muitas empresas nos vários sectores de actividade e na grande quantidade de empresas que foram criadas, exclusivamente, para se dedicarem à elaboração de projectos e ao desenvolvimento de acções de formação?
- E os milhões de euros que vêm de Bruxelas para formação profissional?
- Não está, já, tudo feito?

Eu respondo com algum conhecimento de causa, mas também com alguma ironia:

- Em matéria legislativa, nós portugueses, somos, talvez, campeões do mundo. Não faltam diplomas legais e quando surgem dificuldades depressa arranjamos outra lei ou outro decreto-lei para remendar a situação.
- Em matéria de formação profissional, nem sempre é administrada, vende-se. Pagam os fundos comunitários, pagam os contribuintes e, por isso, há verdadeiros colecionadores de formação profissional, sem que, com isso, consigam o almejado emprego.
- E para quê consegui-lo se a formação é remunerada?
- E se a seguir a um curso posso frequentar outro curso?
- Alguém diagnosticou, verdadeiramente, as necessidades reais de formação, em Portugal? Ou nas diversas regiões?

Em matéria de emprego o panorama é idêntico, com uma “nuance”; ao centro de emprego recorre-se à procura de subsídios: de desemprego, de apoio à contratação, de apoio à formação profissional, porque na realidade,

se eu quero, efectivamente, obter um emprego, só tenho de conseguir o “tal conhecimentozinho”, ou vestir uma camisola de cor conveniente.

Peço desculpa por, depois de ter abordado de forma séria esta problemática, ter enveredado para uma forma tão sarcástica, mas, infelizmente vou estando habituado a que a seriedade deixou de ser apelativa, mas o sarcasmo e a ironia espevitam as consciências daqueles que se deixaram adormecer pela “vã glória” do poder.

Dizia o grande e célebre pintor holandês - *Vincent Van Gogh*:

*“Dominar um assunto e percebê-lo bem
dá-nos, ao mesmo tempo,
a perspectiva e a compreensão de muitas coisas”*

Creio que é isso que falta a muita gente.

P. *Mas não queria terminar sem lhe colocar outra questão:*

- Ao abordarmos diferentes causas que contribuem para o grave aumento do desemprego em Portugal não acha que a falta de controlo da despesa pública contribui para manter ou agravar o deficit orçamental o que, directa ou indirectamente, acaba por ter repercussões na taxa de empregabilidade, provocando mais desemprego?

R. O economista inglês John Maynard Keynes consagrou a ideia de que a taxa de desemprego poderia ser mantida em patamares muito reduzidos se fosse adoptada correctamente uma política fiscal de gastos.

Quero dizer com isto que, segundo a teoria de Keynes, a variável económica mais importante sempre foi o emprego. Talvez por isso, a sua

obra mais emblemática publicada em 1936, seja cada vez mais actual, chama-se “*Teoria Geral do Emprego*” e não “*Teoria Geral do Crescimento*”. É que hoje, o que mais ouvimos falar no governo ou na Assembleia da República, é da taxa de crescimento económico, quando a taxa de desemprego e o assustador número de pessoas desempregadas representam de uma forma mais real e fidedigna a situação económica de um país, e mais do que isso, representam a realidade social de uma economia.

É por tudo isto que, se tivesse de dar um título a esta nossa conversa de hoje, chamar-lhe-ia “*O DESEMPREGO – FONTE DE POBREZA*”.

P. *Temos de terminar, por isso, como habitualmente, peço-lhe uma última e curta mensagem.*

R. Para terminar, direi o seguinte: A doença básica de certas economias, não é o deficit público, mas a elevada taxa de desemprego. Os deficits devem ser eliminados para se obter uma economia saudável, mas tentar eliminar o deficit público através do corte no investimento público, quando o desemprego está a ser uma doença crónica é uma tarefa quase impossível, cujo resultado é a manutenção do deficit e o aumento do desemprego.

As doenças devem ser atacadas nas suas causas e não nos seus sintomas, por isso a governação deverá centrar a sua política de combate ao desemprego, no equilíbrio das contas públicas, sem abdicar do investimento que gera emprego e diminuir a despesa, sobretudo no seguro de desemprego e outras prestações que o desemprego acarreta, como as doenças sociais, do foro neurológico e psicológico, o aumento do absentismo, da desmotivação e o desinvestimento privado, por falta de confiança.

Uma economia em situação de pleno emprego, tem orçamentos com superavit e deixa de ter orçamentos deficitários.

Concluindo, o nível de desemprego é a doença, o resultado do orçamento é apenas o sintoma. Desaparecendo a doença, desaparecem os sintomas. Isto é, se desaparecer o desemprego, desaparece o deficit, a economia torna-se saudável e os cidadãos têm paz e são felizes.

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja é claro sobre este aspecto ao afirmar: *«a consideração das implicações morais que a questão do trabalho comporta na vida social induz a Igreja a qualificar o desemprego como uma verdadeira “calamidade social”, (segundo João Paulo II), sobretudo em relação às jovens gerações».*

E diz também o seguinte: *«O pleno emprego é, portanto, um objectivo obrigatório para todo o ordenamento económico orientado para a justiça e para o bem comum».*

E, para terminar uma referência ao n.º 2436 do Catecismo da Igreja Católica.

«Quem é desempregado ou subempregado, com efeito, sofre as consequências profundamente negativas que tal condição determina na personalidade e corre o risco de ser posto à margem da sociedade, de se tornar uma vítima da exclusão social».

Não é verdade que a comunicação social desta semana tem feio eco:

- Do crescente aumento de pessoas no Banco Alimentar Contra a Fome, mesmo das chamadas “classes médias”?
- Que está a voltar o conceito de “pobreza envergonhada”, já que muitos têm vergonha de dar a cara a pedir ajuda alimentar e por isso telefonam ou pedem ajuda por intermédio de terceiras pessoas?
- Que 20% dos portugueses (1 em cada 5) atingiram o limiar da pobreza?

- Alguém tem coragem para desmentir estes factos que estão em todos os jornais da passada semana e continuam a ser divulgados nas diversas agências noticiosas do audiovisual?

- De que estamos à espera?

Com estas interrogações vos deixo, desejando a todos a continuação de uma muito boa tarde.

P. *Terminamos, desta forma, mais um programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco. Agradeço mais esta colaboração do Elicídio Bilé e despeço-me de todos até ao próximo programa.*

Muito boa tarde

Portalegre, 24 de Outubro de 2007

Elicídio Bilé